



FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



THAYLLANY MATTOS DOS SANTOS

**REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS, POLÍTICAS E DE GÊNERO DE MC'S –
MESTRES DE CERIMÔNIAS**

**DOURADOS
MATO GROSSO DO SUL
2022**

THAYLLANY MATTOS DOS SANTOS

**REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS, POLÍTICAS E DE GÊNERO DE MC's -
MESTRES DE CERIMÔNIAS**

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia, na linha de pesquisa em Processos Psicossociais. **Orientador: Prof. Dr. Conrado Neves Sathler.**

**DOURADOS
MATO GROSSO DO SUL
2022**

Esta dissertação é dedicada: A minha Mãe, companheira de luta. E a todas as mulheres (Indígenas, Quilombolas, Ribeirinhas, Campesinas, Imigrantes, Racializadas, Urbanas e Periféricas). Esse rio não há de cessar, Sabe o que eu quero dizer: Ê-Mana-rá...

AGRADECIMENTOS

À minha Mãe, Dona Rita por sempre incentivar com frases motivacionais profundas: *o sonho de estudar é a realidade que o pobre tem que encarar sempre que puder. Conhecimento salva.*

Ao meu pai, Seu Rossy pelos áudios longos pelo Whatsaap com aconselhamentos sobre a vida

À minha irmã por me mostrar sempre o lado bom da vida e dividir comigo seus momentos criativos e espontâneos.

Ao meu irmão por me presentear com o seu amor, carinho e parceria. Você é o melhor irmão que uma irmã pode ter.

Ao meu filho, por ser o amor d(n)a minha vida, meu porto seguro, companheiro.

Às Minhas Avós com carinho e amor.

Ao grupo Território, Discurso e Identidade (TDI) pelos afetamentos.

Ao meu orientador Conrado Neves Sathler pelas leituras, conversas e correções. Por ser sempre participativo nos momentos que mais precisei.

À Paula Pitilim por ser amiga e companheira, excelente colaboradora de pesquisa e atenta aos detalhes. Valeu, irmã.

As minhas professoras/es, colegas de classe pelos diálogos fluidos, enriquecedores e desconcertantes.

A Batalha da Cinquenta pelo acolhimento, troca de afetos, inclusão e parcerias. De Dourados/MS para o mundo.

As organizadoras da Batalha da Cinquenta, Helô e Bel pelo carinho e acolhimento nesse movimento tão lindo com vocês.

Às MC's Rafa Black (RR), Alice Gorete (AL) por tudo.

À *Família de Rua* (FDR) pelo *Duelo MC's Nacional*.

Ao Mamuti por compartilhar ensinamentos sempre com bom humor e de forma simples e de fácil entendimento. Educador.

À minha melhor amiga Emanuele, por me fazer entender que nem tudo se encontra ao meu alcance, mas tudo que eu puder alcançar sendo quem sou, vale o meu tempo, dedicação e poesia.

Ao meu melhor amigo Apolo Gustavo por acreditar que esse sonho se tornaria realidade.

À minha amiga amada Emy Carolina pelos anos de parceria, conexão e lealdade.

À minha amiga Maria Flor por ensinar a me proteger do mal nas águas de mamãe Oxum na beira da cachoeira. Por me ajudar a me conectar com Boitatá, pois a cobra grande vai romper novamente a barragem.

Axé! pra geral que acreditou ser possível esse empreendimento!

À CAPES pelo suporte financeiro que possibilitou a realização desta pesquisa.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código do Financiamento 001.

This Study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Códig 001.

**REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS, POLÍTICAS E DE GÊNERO DE MC'S –
MESTRES DE CERIMÔNIAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Conrado Neves Sathler (Orientador)

Profa. Dra. Jenniffer Simpson dos Santos

Prof. Dr. Losandro Antonio Tedeschi

Prof. Dr. Rubens Alves da Silva

**DOURADOS
MATO GROSSO DO SUL**

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

S237 r	<p>Santos, Thayllany Mattos dos.</p> <p>Representações discursivas, políticas de gênero de MC's – Mestres de Cerimônias. / Thayllany Mattos dos Santos. – Dourados, MS : UFGD, 2022.</p> <p>Orientadora: Conrado Neves Sathler.</p> <p>Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal da Grande Dourados.</p> <p>1. Discurso. 2. De(s) colonialidade. 3. Resistência. 4. Amefricanidade. 5. Interseccionalidade. I. Título.</p>
-----------	--

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD.

©Todos os direitos reservados. Permitido a publicação parcial desde que citada a fonte.

Thayllany Mattos dos Santos. (2022). *Representações Discursivas, Políticas E De Gênero De Mc's – Mestres de Cerimônias*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, Brasil.

Resumo: Este recorte de pesquisa realizado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGpsi) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), no Centro-Oeste brasileiro, apresenta os afetamentos de uma realidade reprodutora da cisheteronormia por meio da análise discursiva que oferece indícios de uma violência de gênero, raça e classe presentes nas Seletivas Estaduais para o Duelo de MCs Nacional 2020, que devido a pandemia (Covid-19), teve a sua programação (re)formatada para os contextos digitais. As linguagens sociais e algorítmicas são/estão estruturadas no patriarcado e amalgamadas à constituição dos (des)afetos. Por isso, para combatermos as estruturas fóbicas, pensamos e agimos no campo da “Desobediência Epistêmica” dos estudos feministas interseccionais e da Análise do Discurso. Adotamos atitude de(s)colonial. Com objetivo de problematizar as estruturas fóbicas (re)produzidas nos meios de comunicação e nas redes sociais por meio de práticas discursivas. Para tanto, analisamos os enunciados opressores e subversivos de 27 Batalhas de Mestre de Cerimônias (MC's), as batalhas podem ser acessadas no Canal Youtube da Família de Rua, na qual participaram mulheres negras (trans, travestis e cis) de 26 estados do Brasil. Com isso, nosso posicionamento é uma sensibilidade analítica contrária ao patriarcado que sustenta a estrutura elementar da violência. Nesse cenário, a subversão narrativa de mulheres se manifesta nas falas, rimas, ocupações e práticas configuradas em contínuo alinhamento político das rimadoras em lugares antes exclusivos para homens-cis.

Palavras-Chave: Discurso; De(s)colonialidade; Resistência; Amefricanidade; Interseccionalidade.

Abstract: This research clipping carried out in the Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGpsi) of the Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), in the Brazilian Midwest, presents the effects of a reproductive reality of the cisheteronorm through discursive analysis that offers evidence of a violence of gender, race and class present in the State Selectives for the National MCs Duel 2020, which due to the pandemic (Covid-19), had its programming (re)formatted for digital contexts. Social and algorithmic languages are structured in patriarchy and amalgamated to the constitution of (dis)affections. Therefore, in order to combat phobic structures, we think and act in the field of “Epistemic Disobedience” of intersectional feminist studies and Discourse Analysis. We adopt a colonial attitude. In order to problematize the phobic structures (re)produced in the media and social networks through discursive practices. Therefore, we analyzed the oppressive and subversive utterances of 27 Batalhas de Mestre de Cerimônias (MC's), the battles can be accessed on the Família de Rua Youtube Channel, in which black women (trans, transvestites and cis) from 26 Brazilian states participated. With this, our position is an analytical sensibility contrary to the patriarchy that sustains the elementary structure of violence. In this scenario, the narrative subversion of women is manifested in the speeches, rhymes, occupations and practices configured in continuous political alignment of the rhymer in places that were previously exclusive to cis-men.

Keywords: Discourse; De(s)coloniality; Resistance; Ameafricanity; intersectionality.

SUMÁRIO

Introdução:	9
A Pesquisa de Campo (re)adequada para os Contextos Digitais:.....	11
Problemas de Pesquisa:.....	14
Resistência Poética das Mulheres do Norte no Rap: Seletivas Estaduais para o Duelo Mc's Nacional 2020	19
Resumo:.....	19
Introdução:.....	19
O Norte é resistência: Por Pretas executivas e não executadas:.....	22
Primeira Fase: “Teve que colocar cota pra botar mina”:.....	27
Semifinal: “Batalhou comigo você arranjou treta, porque hoje eu tô pique Psicopreta:.....	34
Final: Aqui é Hip Hop, aqui somos nós!	39
Considerações Finais:.....	48
Referências:.....	51
Narrativas Urbanas de Mc's Trans e Travestis nas Seletivas Estaduais para o Duelo de Mc's Nacional 2020:	52
Resumo:.....	52
Introdução:.....	52
Pela Urgência de se Encontrar Novas Terminologias que Contemplem <i>Sujeitos</i> Não-Cisgênero:.....	54
Interseccionalidade: Uma sensibilidade Analítica:.....	55
Resistência como Recurso de Representação:.....	57
Família de Rua: Duelo MC's Nacional:.....	58
Performances de MC's: condições de produção e construção de uma análise discursiva:.....	59

Análise discursiva: Como as performances das/o MC's Yara (PA), Bixarte (PB) e Winnit (SP), configuram uma ideia de identidade e resistência?.....	62
Performances da Resistência e da Identidade em preâmbulo conclusivo:.....	65
Considerações Finais:.....	69
Referências:.....	73
AMEFRICANIDADE COMO MOVIMENTO IDENTITÁRIO NAS BATALHAS DE RIMAS.....	74
Resumo:.....	74
Introdução:.....	74
Lélia Gonzalez: categoria político-cultural de amefricanidade:.....	76
Mulheres negras no Duelo de MC's Nacional: Por um feminismo afro-latino-americano:.....	80
Resgate da Amefricanidade, diáspora e interseccionalidade:.....	80
Considerações Finais:.....	91
Referências:.....	93
Considerações Finais:.....	94
Caderno de Socioleto:.....	99

Introdução

*Negro e poder combina,
Que nem rap¹ e melanina
Não tem como negar,
É felling good na voz de Nina²*

Este trabalho é fruto de um afeto pessoalmente alimentado pelas *Batalhas de Rimas*. Pois *só quem é de lá, sabe o que acontece*³. O que acontece aqui? – *Duelo de MC*. Em primeiro lugar, é preciso informar: *MC's* – são Mestres de Cerimônias, que através da palavra ritmada, poética e improvisada se destacam na *cena*⁴ cultural do Hip Hop. As *batalhas de rimas* estão espalhadas por todo território nacional e conquistaram parte do território global, como já diria Sabotage: *o rap é compromisso, não é viagem*⁵.

A princípio, a pesquisa teve como objetivo desenvolver um trabalho de campo, ativo e efetivo, com participantes da Batalha da Cinquenta. A Batalha da Cinquenta acontecia todas às sextas-feiras, a partir das 18 horas, na praça do cinquentenário. Na época (2019-2020), tinha como organizadoras Helô e Bel. A Bel conhecida nas *rinhas*⁶ pelo *vulgo*⁷ de Pretisa, foi minha primeira dupla em *duelos* de *MC's*. O meu *vulgo* (MC Thata e MC Pedrita) sofre variações dependendo do lugar em que minha *rima* se manifesta. Não somos nós que escolhemos como seremos chamadas/es/os⁸ é a *energia* e a conexão com ambiente que informa quem seremos no *rolê*⁹. Obviamente, que existem

1 As palavras em *itálico* referem-se a três casos: O primeiro, pertence as letras de músicas de MC's/Rappers, nesse caso, o link de acesso estão disponibilizados nas notas de rodapé; o segundo, pertence as rimas das/dos participantes como forma de identificar as fontes no texto, nesse caso, as rimas estão em *itálico* e no final de cada rima se encontra entre parênteses o nome da/o MC a quem pertence o improviso; e, por fim, o último refere-se ao Caderno de Socioleto, podendo ser consultado a partir da página 90.

2 Winnit (MC, Rapper), canção, Felling Good na Voz de Nina: <https://youtu.be/TikAJ6JvIal>.

3 Racionais MC's, canção, Expresso da Meia Noite: <https://youtu.be/Rhat94OkqOw>.

4 Verificar o caderno de socioleto.

5 Sabotage, canção, Rap é compromisso: https://youtu.be/rC9vmpQRR40?list=OLAK5uy_k0eeg_o-pxLGe9JHORZ2_6FGJcVZsoE2Q.

6 Batalha de Rima.

7 Apelido e/ou nome de MC.

8 Faz referência mulheres (trans, travestis e cis), pessoas não Binária, homens (trans e cis).

9 Evento.

MC's com único vulgo, inclusive é mais comum, mas são casos e casos e, em alguns casos, *MC's* se apresentam de uma forma e se popularizam de outra. Não há regras, mas vivências.

No entanto, os jogos de negociação mudaram completamente com a brusca chegada da Covid-19. O ano de 2020 foi marcante, marcado pelo pânico globalizado de uma pandemia sem precedentes. Nesse período, pouco sabíamos sobre seus efeitos (reais) em nossa vida cotidiana e muito pesava em nossas respirações. A covid-19 se alastrou pelo mundo rapidamente, obrigando o “encerramento” de todas as atividades que demandassem aglomeração. Vivenciamos mais intensamente, nesse período, os aglomerados de exclusão.

Todos os campos (políticos, econômicos, culturais, educacionais e de saúde) estavam minados. Precisávamos pensar de forma crítica e habilidosa: o que poderia ser feito a partir dali? Então, o Grupo de Pesquisa: Território, Discurso e Identidade (TDI), realizou uma reunião emergencial pela plataforma digital Google Meet, onde nós pesquisadoras/es tivemos a possibilidade de dialogar a melhor forma de manter nossas pesquisas por caminhos aproximados àqueles que estávamos acostumadas(os) a seguir. Devido à impossibilidade e incerteza pertinentes ao campo, sabíamos que enfrentaríamos problemas estratégicos, éticos e metodológicos no decorrer do processo, mas era indiscutível a urgência de (re)adequações para os contextos digitais e, assim, vivenciamos uma ruptura, mesmo que, parcial com o modelo de pesquisa reconhecido.

O antigo projeto de pesquisa havia sido pensado meses antes de se decretar quarentena, ou melhor, antes mesmo, de se pensar na possibilidade de uma. Eu estava em apuros! Pois todo projeto ao ser desenhado carrega consigo uma pessoalidade e uma complexidade estrutural. O meu projeto de pesquisa, por exemplo, era tudo que eu tinha. Quando ele se foi, boa parte de mim foi embora, assim como as etapas pensadas previamente e, nesse caso, envolviam etapas articuladas com o método etnográfico.

Em nossas reuniões o que nos preocupava não era necessariamente a inserção total para o campo digital, mas a impossibilidade daquela aglomeração gostosa, do contato físico, da presença, dos olhares, em outras palavras, dos (des)afetamentos. Portanto, o anúncio na página do Instagram da Família de Rua de que aconteceria o *Duelo MC's Nacional 2020* de forma virtualizada, respeitando as normas de segurança e

com a participação de todos os estados brasileiros, exceto o Rio Grande do Norte que não participou, resgatou aquilo que havia perdido, o desejo pela minha pesquisa.

O *Duelo MC's Nacional* é organizado pelo Coletivo Família de Rua, desde 2012, e é um dos maiores encontros anuais da cultura Hip Hop da América Latina. Em nosso processo de readequar a pesquisa, redirecionamo-nos para uma investigação das práticas discursivas das *MC's* (trans, travestis e cis) Rafa Black (RR), Yara (PA), Ysa (AP), Drika (AC) Fernanda (RO), Kaemy (GO), Alice Gorete (AL), Dre (SC) e Bixarte (PB) e do MC Winnit¹⁰ (SP) participantes dessa edição das seletivas estaduais 2020, que podem ser acessadas na íntegra no Canal Youtube da *Família de Rua*¹¹, como forma de analisar as *rimas* como uma das expressões do movimento de *cultura Hip Hop*, o *Rap*, na figura das *batalhas* de *MC's*. Nosso interesse é despertado pelas posições políticas e de resistência ocupadas por *rimadoras* nas *rinhas*¹².

Para realização da análise dos enunciados, nos inserimos politicamente no pensamento e na prática Feminista Negra, pois acreditamos em um feminismo afro-latino-americano e, metodologicamente, na abordagem interseccional, também, pensado e agido por feministas negras do século XX, até os dias atuais.

Gostaríamos de enfatizar que somos resultado de ações políticas, econômicas, ecológicas e culturais. A covid-19, por exemplo, gerou impactos profundos na vida social, especialmente, das populações racializadas, não, somente, pelo alto nível de contágio e/ou por atingir de maneira indiscriminada todas as pessoas, mas por evidenciar um sistema de exclusão de raça, classe e gênero, na qual Movimentos Sociais e diferentes grupos étnicos (Indígenas, Quilombolas, Ribeirinhos, Campesinas e Periféricos), tiveram que se expor na luta pela sobrevivência conectada a seus povos e territórios. O desequilíbrio agroecológico promovido por homens-cis (capitalismo) é o principal desencadeador do (in)tenso processo de violência que as populações espalhadas pelo globo enfrentam cotidianamente. A luta, a resistência nunca foi uma opção a ser aderida (ou não), é uma condição de sobrevivência. Assim, também, são as mulheres negras no movimento *Hip Hop* – força, luta, resistência e subversão.

10 Homem Trans.

11 <https://www.youtube.com/c/Familiaderua/featured>.

12 Batalha de MC's.

Informamos, também, que a estruturação da nossa pesquisa se dá por meio do modelo *multipaper*¹³, contendo 3 artigos. Definimos essa estrutura como a mais viável pela flexibilidade e liberdade de produção e também pela possibilidade de atingir um número maior de leitores de diferentes áreas e com distintas intenções.

A pesquisa de campo (re)adequada para os contextos digitais

As praças espalhadas pelo Brasil produzem o fenômeno encontro de *rimas*, reconhecido como *batalhas de MC's* – Mestres de Cerimônia, que por meio da fala transmitem *ritmo*, *flow* e *poesia*, em outras palavras, a *rima verdadeira*. Meu corpo é apenas um entre tantos a transitar politicamente (n)esses espaços. Eu sou quando estou, e, por onde vou, sigo acompanhada “Laroiê, Exu! Okê aro, meu pai, Oxóssi¹⁴”. Aprendi nas *rodas* de *MC's* que falar é *improviso* independentemente do lugar. Em Dourados/MS, por exemplo, antes da pandemia, nos reuníamos (*apresentador/a*, *DJ*, *Júri técnico*, *MC's* e *público*) a partir das 18:00 horas, toda sexta-feira (@batalhadacinquenta¹⁵), sábado (@batalhadord¹⁶) e domingo (@batalhadosipes¹⁷) para participar das *rinhas*, em uma troca de afetos por meio do dizer e do ouvir.

Não sou capaz de enumerar todos os motivos pelos quais as pessoas participam das *batalhas de rimas*, tampouco, frequentam as praças, mas entendo existir um jogo de negociação nos *duelos* *MC's*, nessa negociação, a participação (ou não) de mulheres sofre com as interrupções de fluxo. Sou *marginal*, estou descentralizada, pois faço parte dos pontos periféricos que constituem as cidades, mas são apagados pelas políticas de exclusão de raça, classe e gênero. Pelo lugar na cultura *MC's* batalham, diferentemente do o movimento *Hip Hop*, “geral faz parte”, mas nem todes¹⁸ *rimam*.

Em muitas praças espalhadas pelo Brasil, assim como nas praças douradenses construímos lares de afetamentos expressadas nas palavras, em nosso modo de dizer,

13 A característica principal do modelo *multipaper* que é uma produção em formato de artigos e cada artigo contém características individuais pertinentes a propriedade de sua análise. Ou seja, cada trabalho apresentado tem seu próprio objetivo de análise, método aplicado, discussão teórica, resultados e contribuição social.

14 MC Bixarte, rima na seletiva estadual da Paraíba 2020.

15 Instagram: https://instagram.com/batalhadacinquenta?utm_medium=copy_link.

16 Instagram: https://instagram.com/batalhadord?utm_medium=copy_link.

17 Instagram: https://instagram.com/batalhadosipes?utm_medium=copy_link.

18 Inclui ela, ele e elo/elu.

contar o momento de forma “*improvisada*”¹⁹, que denuncia as violências enfrentadas no decorrer da trajetória de vida de cada *MC*. Nos duelos de *MC*'s por meio de práticas discursivas participantes enunciam e anunciam lugares de resistência.

Em setembro de 2019, conheci o *Movimento Hip-Hop* do Mato Grosso do Sul. Desde então, sigo sendo mobilizada por mulheres do *movimento* desse estado, entre elas, Paula Pitilim (Colaboradora dessa pesquisa), Helô (Organizadora da @batalhadacinquenta), Pretisa (*MC*, *Rapper*, *Poeta* e Organizadora da @batalhadacinquenta), Serena (*MC*, *Rapper* e *Produtora Cultural*), Subúrbia (*MC* e *Rapper*), La brysa (*MC* e *Rapper*), Soulra (Cantora), Anarandá (*Rapper*, Produtora de conteúdo digital e Ativista Indígena). *Só agradece*. Ainda, nesse período, abria-se o processo seletivo de Mestrado em Psicologia da UFGD e eu não conseguia mais dissociar a pesquisa de campo com as *batalhas de rimas* e a participação de mulheres como *MC*'s.

Com a brusca chegada da pandemia soubemos que enfrentaríamos problemas estratégicos, éticos e metodológicos no decorrer de nossas pesquisas por conta da adequação para análise discursivas em contextos digitais. Entendemos, ainda, que toda (re)adequação é uma ruptura, mesmo que parcial com o modelo (re)conhecido. O antigo projeto de pesquisa foi pensado meses antes de se decretar quarentena, ou melhor, antes mesmo, de se pensar na possibilidade de uma.

Nosso projeto, assim como outros ao ser desenhado carrega consigo uma pessoalidade e uma complexidade estrutural, contendo etapas pensadas previamente e, nesse caso, envolviam etapas articuladas com o método etnográfico. O que nos preocupava não era necessariamente a inserção total para o campo digital, mas a impossibilidade do contato físico, da presença, dos olhares, em outras palavras, dos (des)afetamentos.

O método etnográfico, por exemplo, acontece de modo simultâneo e, por vezes, desorganiza-se pela imprevisibilidade dos acontecimentos. Foi difícil aceitar que não tínhamos previsão de uma volta à normalidade e que a estratégia principal de pesquisa não era mais viável, ou seja, o contato físico com o coletivo. Mas com o passar dos

19 Teperman (2013) diz que os próprios participantes das batalhas dão pistas para enfrentar a questão do improviso decorado, já que como sugere o rapper Marcelo Gugu, a partir de cada verso decorado, aquele que rima faz uma nova versão “cada verso, cada rima decorada, inspiração para fazer uma nova versão de rima improvisada”. Decorar é a base do improviso.

meses de pandemia, no dia 12 de agosto, o coletivo *Família de Rua* anunciava pelas redes sociais, entre elas, a página de Instagram: @duelonacional²⁰, as datas previstas para as seletivas de cada estado, informando como havia se articulado para que, de forma coletiva, possibilitasse o encontro *cabuloso* de gigantes. No entanto, das 27 Unidades Federativas (UF), excetuou-se o Rio Grande do Norte (RN), que não participou do evento e cujos motivos não foram esclarecidos pela organização.

Com o novo formato de batalhas e discussões intensas no campo das teorias feministas, o coletivo inaugurou uma política pública de acesso para as *MC's* nas seletivas, a cota para mulheres, na qual 2 vagas foram destinadas às mulheres. A princípio, a cota para mulheres era uma tentativa de reduzir as violências de gênero, mas, por outro lado, foi um recurso de resistência utilizado contra as mulheres nas *rimas* de alguns *MC's* para se referir à elas como vitimistas, apontada em algumas rimas como uma ocupação ilegítima que retira dos *MC's*, o mérito de ser escolhido, seja pelos *juradas/es/os*, seja pelo *público/internautas* e desconsidera que a maior parte do grupo que integra as batalhas de *rimas* são homens-cis justamente pela segregação discursiva em relação as mulheres.

Como as seletivas aconteceram, ao vivo, pelo Canal twitch TV da *Família de Rua* e, em seguida, eram publicadas no Canal Youtube da *Família de Rua*, entendemos que mesmo participando das seletivas como *internautas* (assistindo, comentando, compartilhando e votando), muitas de nossas observações estavam incompletas e tendenciadas pela tela, portanto, optamos por (re)assistir as seletivas com recorte a participação de 11 mulheres, incluindo 2 travestis e 1 homem-trans, transcrevendo e analisando os enunciados que apresentaram resistência por meio de práticas discursivas. E foi assim que a pergunta inicial: Quem quer ser *MC*? Concedeu lugar para outro questionamento: Quais processos de resistência foram utilizados como recurso pelas mulheres que subvertem práticas discursivas segregadoras? Isso porque independentemente de políticas de inclusão da diversidade em espaços de produção cultural, o fenômeno da violência de gênero se reproduz em diferentes estados no improviso de diferentes *MC's* por meio de palavras como: “*vitimista*”²¹ e rimas de cunho racista, sexista e transfóbica.

20 https://instagram.com/duelonacional?utm_medium=copy_link.

21 Na linguagem das *batalhas de MC's*, *vitimista* é o ato de fazer parecer que se é inferior para obter vantagens.

Problemas de Pesquisa

A elaboração deste trabalho enfrentou alguns (im)previstos no ano de 2020/2021, assim como a maioria das pesquisas (inter)nacionais dependentes de uma experiência corporificada acostumada com o contato direto das participantes na construção da pesquisa. Tivemos muitas impossibilidades, entre elas, a de desenvolver (ativa e efetiva) a pesquisa de campo e, sem dúvidas, o processo inicial da pandemia nos paralisou (física e psicologicamente).

(In)felizmente, nem todas as pesquisas conseguiram superar as adversidades estruturais, éticas e metodológicas, assim como nem todas as pesquisadoras/es/ies. Muitas pesquisas foram suspensas temporariamente, algumas paralisaram por tempo indeterminado e outras foram desativadas. Para as pesquisas que puderam se reinventar, nesse processo, foi necessário readequar escolhas teóricas e metodológicas. Esse foi o caso da construção do nosso projeto.

Para começar, os encontros do grupo de pesquisa Território, Discurso e Identidade (TDI) aconteciam pessoalmente em nossa sala de reuniões e naquele lugar de trocas e afetos pensávamos e agíamos de forma coletiva as ações de pesquisa a serem desenvolvidas pelo grupo. Com a pandemia, enfrentávamos o primeiro problema de pesquisa, o estrutural, sendo necessário, o deslocamento das reuniões para os contextos digitais, nesse caso, passávamos a utilizar Google Meet para nos encontrarmos remotamente, pensando na angústia que enfrentávamos, a responsabilidade de nossas ações e o cuidado uns com os outros. No entanto, conforme os dias passavam íamos compreendendo a importância dos encontros virtuais como símbolo de uma resistência acadêmica histórica diante de um projeto político de sucateamento da educação em curso.

Com a definição da pesquisa sobre a participação de mulheres nas seletivas estaduais para o *Duelo MC's Nacional 2020* com recorte as *batalhas de rimas* no Canal Youtube da *Família de Rua*. (re)assistimos, transcrevemos e relemos (in)contáveis vezes as *batalhas* nas quais estiveram presentes as rimadoras. Foi um processo (in)tenso e gerador de desconfortos, saudades, aprendizados, afetamentos e com combate às estruturas fóbicas por meio da análise discursiva dos enunciados.

Em um mundo no qual parte significativa das nossas experiências sociais estão em contextos digitais, faz-se necessário que nossas pesquisas também estejam alinhadas a

nossa realidade de comunicação. No entanto, compreendemos que por ser um campo que se atualiza rapidamente, questões éticas, teóricas e metodológicas precisam ser avaliadas criteriosamente continuamente, respeitando as especificidades de meios e plataformas digitais e os modos de produção que dão vida a diferentes formas de sociabilidade.

Isso nos levou para uma questão crucial no *desenrolar* da pesquisa, a construção de uma mediação e interação digital que nos possibilitasse dialogar os problemas estruturais da pandemia e da violência de gênero vivenciada pelas mulheres negras nas seletivas estaduais para o *Duelo de MC's Nacional 2020*. Tínhamos algumas perguntas e a intenção de dialogá-las com diferentes setores da produção cultural periférica como forma de ampliar nossa perspectiva de análise. Foi quando surgiu a oportunidade de criarmos uma extensão com projetos culturais na web da PROEX/UFGD e, assim, reunimos Paula Pítilim (Bolsista PIBIC-EM UFGD), Conrado e eu, para pensarmos em estratégias de articulação com as participantes das seletivas estaduais e *MC's* de diferentes estados do Brasil, para dialogar questões relacionadas às práticas discursivas nos *duelos* de *MC's*.

Um dos encontros mais interessantes e emblemáticos para pensar as tessituras, repetições, (des)continuidades e lacunas nas ações políticas de combate às violências de gênero foi a 3º oficina de cultura *Hip Hop* que nos proporcionou (des)afetamentos. Intitulada: Cota para mulheres nas seletivas estaduais para o *Duelo MCs Nacional 2020*, com convidadas de diferentes estados do Brasil, como as *MCs* do Norte (Rafa Black), Nordeste (Alice Gorete), Centro Oeste (Serena, Anarandá e Pretisa) e do Sul (Amanda Moore). A *MC* Colombiana, do Sudeste, não pôde comparecer na data combinada. Nessa oficina, nossa intenção de análise discursiva sofreu atingimentos (in)esperados causadas pelos diversos pontos afetamentos. O encontro foi capaz de direcionar respostas e produzir novas perguntas que possibilitaram a ampliação desta pesquisa e de seus resultados.

Por fim, nossa preocupação enquanto pesquisadoras/es foi manter o compromisso de articular uma sensibilidade analítica comprometida com o combate das estruturas fóbicas.

Informe o presente artigo está publicado no volume 1 da Revista Caderno 4 Campos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará PPGA/UFPA, podendo ser acessado através do link: <https://caderno4campos.wixsite.com/inicio>

Informe o presente artigo está publicado no volume 1 da Revista Caderno 4 Campos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará PPGA/UFGPA, podendo ser acessado através do link: <https://caderno4campos.wixsite.com/inicio>

Informe o presente artigo está publicado no volume 1 da Revista Caderno 4 Campos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará PPGA/UFPA, podendo ser acessado através do link: <https://caderno4campos.wixsite.com/inicio>

Informe o presente artigo está publicado no volume 1 da Revista Caderno 4 Campos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará PPGA/UFPA, podendo ser acessado através do link: <https://caderno4campos.wixsite.com/inicio>

Informe o presente artigo está publicado no volume 1 da Revista Caderno 4 Campos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará PPGA/UFGPA, podendo ser acessado através do link: <https://caderno4campos.wixsite.com/inicio>

Informe o presente artigo está publicado no volume 1 da Revista Caderno 4 Campos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará PPGA/UFGPA, podendo ser acessado através do link: <https://caderno4campos.wixsite.com/inicio>

Informe o presente artigo está publicado no volume 1 da Revista Caderno 4 Campos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará PPGA/UFPA, podendo ser acessado através do link: <https://caderno4campos.wixsite.com/inicio>

Informe o presente artigo está publicado no volume 1 da Revista Caderno 4 Campos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará PPGA/UFPA, podendo ser acessado através do link: <https://caderno4campos.wixsite.com/inicio>

Informe o presente artigo está publicado no volume 1 da Revista Caderno 4 Campos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará PPGA/UFGPA, podendo ser acessado através do link: <https://caderno4campos.wixsite.com/inicio>

Informe o presente artigo está publicado no volume 1 da Revista Caderno 4 Campos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará PPGA/UFGPA, podendo ser acessado através do link: <https://caderno4campos.wixsite.com/inicio>

Informe o presente artigo está publicado no volume 1 da Revista Caderno 4 Campos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará PPGA/UFGA, podendo ser acessado através do link: <https://caderno4campos.wixsite.com/inicio>

Informe o presente artigo está publicado no volume 1 da Revista Caderno 4 Campos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará PPGA/UFGPA, podendo ser acessado através do link: <https://caderno4campos.wixsite.com/inicio>

Informe o presente artigo está publicado no volume 1 da Revista Caderno 4 Campos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará PPGA/UFGA, podendo ser acessado através do link: <https://caderno4campos.wixsite.com/inicio>

Informe o presente artigo está publicado no volume 1 da Revista Caderno 4 Campos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará PPGA/UFGPA, podendo ser acessado através do link: <https://caderno4campos.wixsite.com/inicio>

Informe o presente artigo está publicado no volume 1 da Revista Caderno 4 Campos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará PPGA/UFGA, podendo ser acessado através do link: <https://caderno4campos.wixsite.com/inicio>

Informe o presente artigo está publicado no volume 1 da Revista Caderno 4 Campos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará PPGA/UFGA, podendo ser acessado através do link: <https://caderno4campos.wixsite.com/inicio>

Informe o presente artigo está publicado no volume 1 da Revista Caderno 4 Campos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará PPGA/UFGPA, podendo ser acessado através do link: <https://caderno4campos.wixsite.com/inicio>

Informe o presente artigo está publicado no volume 1 da Revista Caderno 4 Campos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará PPGA/UFGA, podendo ser acessado através do link: <https://caderno4campos.wixsite.com/inicio>

Informe o presente artigo está publicado no volume 1 da Revista Caderno 4 Campos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará PPGA/UFGA, podendo ser acessado através do link: <https://caderno4campos.wixsite.com/inicio>

Informe o presente artigo está publicado no volume 1 da Revista Caderno 4 Campos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará PPGA/UFGPA, podendo ser acessado através do link: <https://caderno4campos.wixsite.com/inicio>

Informe o presente artigo está publicado no volume 1 da Revista Caderno 4 Campos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará PPGA/UFGA, podendo ser acessado através do link: <https://caderno4campos.wixsite.com/inicio>

Informe o presente artigo está publicado no volume 1 da Revista Caderno 4 Campos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará PPGA/UFGPA, podendo ser acessado através do link: <https://caderno4campos.wixsite.com/inicio>

Informe o presente artigo está publicado no volume 1 da Revista Caderno 4 Campos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará PPGA/UFGA, podendo ser acessado através do link: <https://caderno4campos.wixsite.com/inicio>

Informe o presente artigo está publicado no volume 1 da Revista Caderno 4 Campos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará PPGA/UFGPA, podendo ser acessado através do link: <https://caderno4campos.wixsite.com/inicio>

Informe o presente artigo está publicado no volume 1 da Revista Caderno 4 Campos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará PPGA/UFGPA, podendo ser acessado através do link: <https://caderno4campos.wixsite.com/inicio>

Informe o presente artigo está publicado no volume 1 da Revista Caderno 4 Campos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará PPGA/UFGPA, podendo ser acessado através do link: <https://caderno4campos.wixsite.com/inicio>

Informe o presente artigo está publicado no volume 1 da Revista Caderno 4 Campos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará PPGA/UFGA, podendo ser acessado através do link: <https://caderno4campos.wixsite.com/inicio>

Informe o presente artigo está publicado no volume 1 da Revista Caderno 4 Campos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará PPGA/UFGPA, podendo ser acessado através do link: <https://caderno4campos.wixsite.com/inicio>

Informe o presente artigo está publicado no volume 1 da Revista Caderno 4 Campos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará PPGA/UFGPA, podendo ser acessado através do link: <https://caderno4campos.wixsite.com/inicio>

Informe o presente artigo está publicado no volume 1 da Revista Caderno 4 Campos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará PPGA/UFGPA, podendo ser acessado através do link: <https://caderno4campos.wixsite.com/inicio>

Informe o presente artigo está publicado no volume 1 da Revista Caderno 4 Campos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará PPGA/UFGA, podendo ser acessado através do link: <https://caderno4campos.wixsite.com/inicio>

Informe o presente artigo está publicado no volume 1 da Revista Caderno 4 Campos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará PPGA/UFGA, podendo ser acessado através do link: <https://caderno4campos.wixsite.com/inicio>

Informe o presente artigo está publicado no volume 1 da Revista Caderno 4 Campos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará PPGA/UFGPA, podendo ser acessado através do link: <https://caderno4campos.wixsite.com/inicio>

NARRATIVAS URBANAS DE MC'S TRANS E TRAVESTIS NAS SELETIVAS ESTADUAIS PARA O DUELO DE MC'S NACIONAL 2020

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis Capes B1

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis
Capes B1

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis
Capes B1

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis
Capes B1

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis
Capes B1

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis
Capes B1

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis
Capes B1

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis
Capes B1

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis
Capes B1

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis
Capes B1

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis
Capes B1

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis
Capes B1

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis
Capes B1

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis
Capes B1

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis
Capes B1

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis
Capes B1

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis
Capes B1

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis
Capes B1

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis
Capes B1

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis
Capes B1

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis
Capes B1

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis
Capes B1

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis
Capes B1

AMEFRICANIDADE COMO MOVIMENTO IDENTITÁRIO NAS BATALHAS DE RIMAS

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis
Capes A3

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis
Capes A3

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis
Capes A3

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis
Capes A3

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis
Capes A3

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis
Capes A3

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis
Capes A3

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis
Capes A3

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis
Capes A3

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis
Capes A3

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis
Capes A3

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis
Capes A3

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis
Capes A3

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis
Capes A3

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis
Capes A3

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis
Capes A3

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis
Capes A3

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis
Capes A3

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis
Capes A3

Informe: O presente artigo encontra-se em processo de submissão em Revista de Qualis
Capes A3

Considerações Finais

Durante a construção deste trabalho, buscamos compreender, por meio de categorias analíticas (raça, classe e gênero) perpassadas pelo recurso teórico-metodológico da interseccionalidade a subjetividade das performances (*ritmo e poesia*) que configuram diferentes concepções de identidade e resistência, com a construção de uma análise discursiva, especialmente, os enunciados das MC's que participaram das seletivas estaduais para o *Duelo MC's Nacional 2020*, em circulação (views) no Youtube pelo canal *Família de Rua* (FDR). Nesta direção, e com base nas discussões propostas ao longo de três artigos, tornou-se exequível relacionar um conjunto de considerações que trazem à tona as possíveis reconfigurações estabelecidas pela cultura digital à *cena* do Rap nacional no decorrer da pandemia.

Para trazermos à tona o processo de resistência gerado contra a produção discursiva colonizadora que manteve mulheres e pessoas trans no silenciamento selecionamos 27 *batalhas*, na qual participaram 11 *rimadoras* e 1 *rimador* (homem trans) de diferentes estados brasileiros. Buscamos analisar o modo como as intersecções entre classe, raça e gênero foram deixadas como herança colonial e reinterpretadas pelas MC's a partir dos enunciados que têm efeitos de sentido de um novo olhar sobre suas próprias constituições enquanto *sujeitos* históricos que fazem o resgate da ancestralidade, assim como afirma Bixarte, no enunciado: *Laroiê Exu, Okê Aro, meu pai Oxóssi*.

No primeiro recorte, as análises dos enunciados apontam para um tensionamento das performances, as mulheres racializadas (trans, travestis e cis), da região Norte, reivindicam em suas rimas efetividade nas batalhas, a exemplo disso, a MC Rafa Black enuncia: “*Agora sim, a gente tá em pé de igualdade, equidade, teve que colocar cota para botar mina porque aqui vocês não nos integram, então, agora, tô representando (trecho inaudível), represento Elas*”. Em rimas como essa é possível perceber o uso da resistência como recurso de ação, nesse caso, o ativismo poético contra opressões de raça e gênero. Devido as circunstâncias históricas, a corporeidade das *rimadoras* sofre com a pressão racista e sexista, provocando reflexões não apenas das lutas contra essas opressões, mas todo o contexto de desigualdades sociais, fruto de um processo da perversão colonial moldada, principalmente, pela desigualdade racial.

No segundo artigo, analisamos os enunciados das MC's Yara (PA) e Bixarte (PB) e do MC Winnit (SP), participantes das seletivas estaduais 2020, tendo como focos analisadores as ideias de identidade e resistência. Utilizamos a noção de resistência a partir da divisão esquemática de noções modernas e pós-modernas, o primeiro caso refere-se ao poder que constitui algo ou alguma coisa que é possuído pelo grupo dominante como forma de exercer poder contra o subordinado, já o último, refere-se aos fluxos de poder na construção fragmentária da subjetividade, destacando o papel que assumem a contingência e a contradição em que se encontram as fissuras, brechas e rupturas.

Ficando, portanto, evidenciado no último artigo que faz referência a categoria de análise amefricanidade como movimento identitário que o contexto social e histórico das MC's dialogam com a construção do passado histórico das populações africanas (*África em tudo, raro marfim, do toin oin oin até o tuin da flor que invisto* – Winnit, Felling Good na Voz de Nina) e com a perspectiva de autoras feministas brasileiras como Conceição Evaristo, Lélia Gonzalez, Djamila Ribeiro e Carla Akotirene, pois através do Rap as rimadoras afirmam caminhadas de luta, posicionamento político e resistência e, ainda assim, são atravessadas por políticas de exclusão em avenidas identitárias.

Conforme informado por Akotirene, no livro intitulado, *Interseccionalidade*:

A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórica-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais (2019, p. 14).

Nesse percurso, a interseccionalidade fluiu enquanto uma sensibilidade analítica imprescindível para o feminismo negro, pois discute questões como opressões raciais, patriarcais e de gênero. Nós procuramos perceber e evidenciar, por meio da análise do discurso, da subjetividade e de diferentes categorias analíticas, entre elas, amefricanidade, escrevivências, lugar de fala, raça, classe e gênero, embora pensadas por autoras diferentes, como as intelectuais negras têm esse poder de se conectar de formas similares encontrando, umas nas outras, uma relação de fronteira, como ação de combate a estrutura elementar da violência por meio de práticas antirracistas.

Compreendemos que a interseccionalidade atua, sobretudo, na urgência de práticas antirracistas e da ressignificação do que entendemos como o Pensamento Feminista Ocidental que, desde a sua organização até as práticas discursivas, pouco e/ou nunca esteve interessado em contemplar as condições políticas, sociais, econômicas e raciais enfrentadas por mulheres racializadas (trans, travestis e cis).

Akotirene, afirma:

a interseccionalidade aplica a criação de mais conflitos às leis binárias do Direito e defesa das lutas antirracistas, tendo em vista imporem cisgeneridades heteropatriarcais, que ignoram lésbicas e trans negros como vítimas do racismo, mulheres negras como duplamente discriminadas. Comparáveis, comunidades negras parecem usar a cisgeneridade referenciada pelos olhos, onde machos normativos são vistos verdadeiramente como negros (2019, p. 31).

Quando redirecionamos, a pesquisa de campo para uma pesquisa de tela, passamos a observar a participação das *rimadoras* nas plataformas digitais e entendemos haver uma produção intensa de sentido nas *batalhas de rimas*, que servem como mediação da cultura digital na *cena* do *Rap* brasileiro. As redes sociais, a exemplo, o Instagram assume alta relevância na organização e promoção de eventos e o Youtube assume o lugar de exposição das performances de *MC's*. Uma evidência do protagonismo do Youtube, sobretudo, quando associado às *batalhas de rimas*, é a criação de novas modalidades de Rap, entre elas, acústicos, cyphers, react de rimas e podcasts, envolto da temática do *duelo de MC's*.

Portanto, a associação das seletivas estaduais para *Duelo MC's Nacional* ao Youtube, assim como as *batalhas de rimas* a essa ferramenta vinculada, faz da plataforma um espaço de circulação e consumo do *Rap* como um gênero musical em expansão e a insistência das *rimadoras* pela participação ativa e efetiva das mulheres, mesmo com as práticas excludentes, se expressa como uma forma de subversão narrativa das estruturas fóbicas.

O protagonismo do *Duelo Nacional*, organizado pela *Família de Rua* (FDR) reúne *MC's* de todos os estados brasileiros, produz deslocamentos socioespaciais no gênero musical, assim como, diferentes *MC's* passam a adquirir status sociais dentro e fora do movimento e, não apenas *MC's*, também *apresentadoras/ies/es*, *Dj's*, produtoras/ies/es culturais, produtoras/ies/es de Beats, videomakers e youtubers alcançam o

reconhecimento do público. Vale ressaltar que esses lugares de reconhecimento pouco são ocupados por mulheres (trans, travestis e cis), especialmente as mulheres negras e indígenas.

O *Rap* (inter)nacional é a voz da negritude, é onde fala acontece, é a expressão cultural e é também *ritmo*, sentimento e *poesia*. As máscaras do silenciamento foram por muito tempo a herança colonial das populações racializadas. E, não é por acaso que nas *batalhas de rimas* “nós, brasileiros, negros ou brancos temos um tipo de fala profundamente africanizada. (...) Não é por acaso que os falares brasileiros se caracterizam por uma musicalidade e uma rítmica que os falares lusitanos não possuem. E isso se deve a quem?” (GONZALEZ, 2020, p. 205) Se deve ao sacrifício anônimo da mulher negra.

O movimento de cultura *Hip Hop* é capaz de projetar jovens da periferia a posições que, antes, não costumavam ocupar e que, talvez, nem pensassem ser possíveis de serem acessadas. Ou seja, o *Rap* brasileiro atualmente ocupa um cenário heterogêneo que possibilita a elevação de novos personagens à cena e conduz rappers a novos espaços, envolvendo o *Rap* a partir da cultura digital.

A proposta em analisar os enunciados das seletivas estaduais, na qual participaram mulheres racializadas, associadas ao Canal Youtube da *Família de Rua*, possibilitou pensar a *cena* do *Rap* para além das suas dimensões concretas nos espaços urbanos, voltando-se o olhar para uma experiência de produção, circulação e consumo dos duelos de *MC's* através de diferentes articulações nas plataformas digitais, entre elas, twitter e instagram que participam da produção de sentido e exercem influências na comunicação de jovens usuárias/os das redes sociais.

Nossa primeira contribuição é o reconhecimento por parte do grupo de pesquisa Território, Discurso e Identidade (TDI) de que alguns modos de produzir psicologias temem admitir a complexidade dos atingimentos do racismo, recorrem a uma construção discursiva do mito da democracia racial e da meritocracia. Essa democracia racial e essa meritocracia, é a mesma operação política que segrega grupos periféricos enquanto se reproduz entre jovens da periferia. Portanto, entendemos a importância dos Estudos Feministas Negra/o e da Interseccionalidade para desconstruir práticas psicologizantes. Compreendemos, também, que existe uma opressão de gênero ativa nos

duelos de MC's, no sentido de que mesmo com a cota para as mulheres nas seletivas estaduais, muitas nem sequer foram acessadas.

Outra importante contribuição dessa pesquisa foi o *Caderno de Socioleto* desenvolvido para facilitar a compreensão dos enunciados. Por fim, confirmamos, mesmo com a pandemia jovens da periferia se mobilizam para participar de rodas culturais subversivas, como é o caso das *batalhas de rimas*, contudo, ainda se adequam as novas formalidades de segurança para continuarem a produzir ritmos e poesias em eventos on-line e off-line, como foi o caso, das seletivas estaduais, reformatada para os contextos digitais, na qual a principal característica (re)organizativa foi o deslocamento do público para internautas.

Por outro lado, reconhecemos que a pesquisa também possui limitações e circunstâncias diferentes devido à pandemia 2020. Tivemos, nesse processo, que repensar e readequar o projeto, pois a proposta inicial envolvia o método etnográfico, era inviável naquele momento. Ainda que o respeito e o cuidado tenham sido nossa inquietação durante todo desenrolar da pesquisa, não conseguimos contemplar de forma analítica todas as frentes existentes e, é possível que não tenhamos percebido algumas delas, embora alimentamos o interesse por conhecê-las.

Assim, esta investigação também abre caminho para novas pesquisas, novos delineamentos e profundidade teórica-metodológica. Outra possibilidade interessante é a investigação da representação das mulheres racializadas (trans, travestis e cis) nas *batalhas de rimas* presencial e on-line, tendo como referencial o aparecimento de insultos raciais e ofensas sexistas como parte das performances das/os *rimadoras/ies/es* e a problematização de uma masculinidade dominante como elemento central das *batalhas de rimas* e do próprio *Rap*, na qual mulheres seguem sendo excluídas ou reduzidas a um imaginário cisheteronorma que se representa nos enunciados por meio da palavra *vitimista*.

CADERNO DE SOCIOLETO

A

Abraço: 1) Ato de (se) incluir uma causa; (2) *Já era*; (3) Já deu.

Agradece: (1) Ato de agradecer; (2) obrigada(e/o).

Aliada(e/o): (1) *Lado-a-lado* pelo mesmo *propósito* ou *ideologia*; (2) Pessoa de confiança; (3) Parceira(e/o); (4) *Corre com*.

Apelar: Não sabe brincar.

Apresentador(a/ie): Aquela/e/o que conduz a programação.

Arrastar: (1) Levar alguém para uma confusão; (2) Prejudicar alguém.

Artista: Aquela/e/o que tem habilidade ou vocação artística.

Ataque: Rima construída para desmobilizar o adversário.

Atitude: (1) Aquela/e/o que *corre pelo certo*; (2) *Correria*; (3) Aquela/e/o que faz acontecer; (4) Ousadia.

Atividade: É o Trabalho em si.

Atrasa lado: (1) Ato contrário a uma *ideologia* em comum; (2) Atitude prejudicial aos objetivos pessoais, profissionais e coletivos/as; (3) *Zé povin*.

B

Barraco: (1) Casa; (2) Residência; (3) Moradia; (4) *Goma*; (5) Briga; (6) Confusão.

Beleza: (1) Combinado; (2) Sim; (3) Ato de Concordar com algo; (4) Ok.

Belê: Abreviação de *Beleza*.

Bicho: (1) Cara; (2) *Véi*; (3) Mano, Mana, Mona.

Bonde: (1) Faz referência a *gang* de rua; (2) Transporte Público; (3) Grupo de participante de um mesmo *movimento*; (4) Grupo de amigas/es/os.

Boto Fé: (1) Ato de acreditar; (2) Apoiar a *correria* da(o) irmã(o); (3) Pode crer.

Braba(e/o): (1) Raivosa/e/o; (2) Refere-se a pessoa que produz com qualidade; (3) Refere-se à produção como *descolada/e/o*, *da hora* ou *maneiro*.

Brisa: (1) Viagem (psicológica); (2) Adjetivo: Falar ou fazer algo criativo; (3) *Raciocínio Avançado*.

Brother: (1) Tradução inglês para português: Irmão; (2) Amiga/o; (2) Mana/o.

C

Cabulosa(e/o): (1) Sinistro; (2) Adjetivo: provocar medo; (3) Aquela/e/o que não permite ninguém subjugar-la/e/o ou seja, *entrar em sua mente*; (4) Impressionante; (5) Surpreendente e inesperado.

Cagueta: (1) Delator/a/e; (2) Derivado de Alcaguete; (3) Aquela/e/o que dedura, fofoca e costuma trair a *ideologia do movimento*; (4) Aquela/e/o que dedura uma *fita* por medo.

Caminhada: (1) História (pessoal e coletiva do/no movimento); (2) Trajetória; (3) *Respeito à caminhada* equivale a respeito ao *ensinamento*.

Canal: (1) Meio para atingir algo; (2) Caminho; (3) Plataformas Digitais, exemplo: Youtube.

Cena: Movimento.

Caraca: (1) Interjeição de surpresa; (2) o mesmo que “Nossa!”.

Castelo: (1) Ato de Castelar; (2) *Viagem*; (3) Esconder objetos na presença de alguém indesejado.

Certo pelo certo: (1) Justiça; (2) Exemplo: “Tamu pela Ordem” equivale Certo pelo certo.

Cê tá ligada/e/o? (1) Você ficou sabendo? (2) Entendeu? (3) você tá atento?

Cê tá ligada/e/o! (1) Você sabe; (2) Entendeu; (1) Fica atento;

Chave: (1) Capaz de abrir algo ou alguma coisa; (2) refere-se a pessoa que está no caminho certo ou que *corre pelo certo*; (3) Referência.

Chavosa(e/o): (1) Estilosa/e/o; (2) *Descolada(e/o)*.

Cobrança: (1) Ato de disciplinar alguém por alguma atitude contrária ao *ensinamento*; (2) Consequência de um ato contrário à disciplina do movimento.

Cola com nós: (1) Convite; (2) Venha conosco; (3) Participe; (4) Vamos lá.

Compromisso: (1) Ato de se comprometer; (2) Compactuar; (3) Exemplo: “Tá pela ordem” equivalente a se comprometer com o movimento.

Conduta: (1) Comportamento Moral; (2) Código Moral; (3) *Atitude*.

Confere o Mic: (1) Verificar o microfone.

Convívio: (1) do verbo Conviver; (2) Espaço nas batalhas de MCs destinadas/es/os aquelas/es/os que mostram ter *proceder*.

Corre: (1) Trabalhar por algo; (2) Correr atrás de alguma coisa; (3) Estar na Luta; (4) Forma de adquirir drogas; (5) Crime.

Corre com: (1) Ato de quem se encontra *lado-a-lado*; (2) Refere-se a/ao *Aliada/e/o*.

Corre contra: (1) Ato de se opor ao *movimento*; (2) Refere-se ao *Atrasa Lado*; (3) Refere-se ao Zé Povin.

Corre pelo certo: (1) Honrar o compromisso; (2) Respeita o *ensinamento* e a *ideologia do movimento*; (3) *Caminhada* que mostra *proceder*.

Correria: (1) Refere-se ao Trabalho; (2) Dia repleto de atividades *mó função, mó tabela*²² Refere-se a uma pessoa de *atitude*; (3) Aquela/e/o que desenvolve suas atividades com facilidade; (4) Pessoa e/ou atividade *desenrolada*/e/o.

Cria: (1) Pessoa pertencente ao *movimento*; (2) Pertencente a quebrada, Favela, Aglomerado e periferia; (3) Protegida/e/o; (4) Irmã/o; (5) Mana/o²³.

Cultura: Movimento.

D

Da Hora: (1) Maneiro; (2) Massa; (3) Pontual.

De boa: (1) Valeu; (2) Tranquilo; (3) *Suave*.

De Fé: (1) Acredito; (2) Sério mesmo; (3) De verdade; (4) *Da Hora*.

De igual: (1) Qualidades aproximadas; (2) Níveis de ambivalências parecidas; (3) *Mesmo Naipe*.

Decorada: (1) Rima repetida; (2) Rima Feita; (3) Rima copiada de outra/e/o MC.

Desbaratinar: (1) Disfarçar; (2) Sossegar; (3) Desmontar; (4) *Dar um giro*.

Descolada(e/o): Referência a *Chavosa*/e/o.

Desenrola(r): (1) Descomplica(r); (2) Esclarecer; (3) Ato de fazer algo ou alguma coisa; (3) Desenvolver.

Destravar: (1) Ato de movimentar-se; (2) Desinibir.

Detonar: (1) Arrasar; (2) Explodir; (3) Acabar.

Dichava: retirar algo ou alguém de algum lugar.

Disciplina: (1) Cumprir as regras; (2) Comprometimento; (3) atitude a ser tomada; (4) Verificar: *Correr pelo certo*.

Dispara: (1) Rima; (2) Fala.

Dj: (1) Produtor Musical; (2) Responsável pela instrumental “beat”.

Duelo: (1) Batalha; (2) Confronto; (3) Disputa.

E

22 Música intitulada Vida Loka parte 1 do grupo de rap nacional RACIONAIS MC’S.

23 Cria não foi uma palavra associada(e) para as travestis nas seletivas estaduais para o Duelo de MC’s Nacional 2020.

Em choque: (1) Estado de medo; (2) Surpreendido; (3) *alta voltagem*, rima pesada.

Embaçado: (1) Problema; (2) Difícil; (3) Complicado; (4) *Braba/e/o*.

Ensinar: (1) Guia; (2) Instrução.

Entrar na mente: (1) Verificar a palavra *Cabulosa/e/o*; (2) Palavra que pesa; (3) Ato de convencer algo ou alguém; (4) Ideia persistente.

Essa é a fita: (1) Ato de indicar um acontecimento; (2) História.

Esticar: (1) Leva conversa adiante; (2) Prolongar as ideias; (3) Continuar o *rolê*.

Evolução: (1) Mudar de fase; (2) Capacidade de aprendizado com as experiências de batalhas anteriores; (3) Rima que evolui.

Excluir: Pessoa ou grupo de pessoas que não estão inclusas nas atividades do movimento.

Exclusão: Ato de excluir.

Explanar: Expor uma informação de forma ampla e/ou detalhada.

F

Família: (1) Movimento; (2) Grupo/a. (3) Parentes.

Família de Rua: (1) Movimento social; (2) Movimento social da cultura Hip-Hop. (3) Coletivo/a.

Fechamento: (1) Acordo de confiança; (2) Pessoa de confiança, a exemplo disso: “*essa mana é de confiança*” equivale a “*essa mona é fechamento*”; (3) Ato de compactuar com o *proceder*; (4) *Abraço*.

Fechou que fechou: Encerrado.

Fita: Acontecimento.

Folha da Batalha: (1) Papel de anotações com o número de chaves e nomes de MC's participantes; (2) conhecido entre MC's como *Folhinha*.

Folhinha: (1) Refere-se à *Folha da Batalha*; (2) Caderneta da Morte.

Fortalecer: Contribuir com a *Caminhada*.

Flow: (1) Ginga; (2) *Ritmo*.

Freestyle: Improviso.

Função: (1) É a *Atividade* em si; (2) É o trabalho.

G

Galera: Grupo/a.

Gastação: (1) Ato de gastar; (2) Assunto repetido em forma de brincadeira *zoas*.

Gigante: MC.

H

Harmonia: (1) Sincronia da/o MC com *beat*, *movimento* e consigo mesmo (*Ritmo*, *Flow* e *Poesia*).

História: (1) Acontecimento; (2) Memória (pessoal e/ou coletiva).

Honrar o compromisso: Faz referência a *Correr pelo certo*.

Hype: Fama.

Humildade: Sabe chegar, sabe sair.

I

Ideia: (1) Ato de orientar; (2) *Viagem*.

Ideologia: Filosofia do *Movimento*.

Igualdade: Tratamento igualitário.

Improviso: (1) Rima feita na hora; (2) Rima Verdadeira.

Inclusão: Ato de incluir.

Intercalada: Rima diferenciada.

Internauta: Aquela/e/o que acompanha as batalhas de MC's pelos contextos digitais.

Irmã(o): Refere-se às/aos participantes do movimento como pertencentes à Família.

J

Já é: (1) De acordo; (2) Fechou.

Já era: (1) Encerrado, Acabou; (2) Combinado; (3) *Levou o farelo*.

Juliete: Óculos.

Júri: Aquela/e/o que vota.

L

Lado-a-lado: (1) Aliança; (2) Corre pelo mesmo propósito.

Lançar a boa: Rima rara.

Levada: Ritmo.

Levou o farelo: Morte.

M

Machismo: Estrutura de opressão que segregava mulheres.

Machista: Aquele que faz uso da estrutura para se beneficiar de mulheres.

Macho Escroto: Aquele que é consciente das opressões que comete.

Mana: (1) Irmã; (2) Aliada.

Mancada: (1) Cometer erro. (2) *Moscar*.

Maneira: (1) Modo de ser; (2) Espontânea/o.

Maneiro: (2) *Legal*; (3) *Da Hora*; (4) *Descolada/e/o*.

Mano: (1) Irmão; (3) Aliado.

Massa: (1) *Legal*; (2) *Da hora*; (3) Maneiro.

MC: Mestre de Cerimônia.

Meter o louco: (1) Fazer acontecer; (2) Falar o que se pensa; (3) Perder o controle; (4) Ameaçador.

Melodia: Sequência de notas musicais.

Métrica: (1) Tempo musical; (2) Construção da frase que forma a Rima.

Mil Grau: (1) Intenso; (2) Trampo Elevado; (3) Quente; (4) Calor; (5) Exemplo: “vem passando a energia” equivalente a espaço mil graus.

Mina: Refere-se as mulheres.

Minar: (1) Tornar inviável; (2) Invadir; (3) Ocupar por meio de resistência.

Mó cena: (1) Muito problema; (2) Confusão.

Mó fita: Muita história; (2) Acontecimento *cabuloso*.

Mó função: Muito Trabalhoso.

Mona: (1) Irmã; (2) Aliada/e. (3) LGBTQIAP+.

Monstra(o): MC cuja a potencialidade da *rima é Cabulosa*.

Moscar: (1) Vacilar; (2) Distração; (3) Lentidão.

Mundão: Planeta Terra.

N

Na Brisa: Viajando (Imaginação).

Na Moral: (1) É verdade; (2) É sério.

Naruto: *Na tribo da folha favela desenvolvendo.*

O

Oclin: (1) Óculos; (2) *Juliete*.

Opressão: Ato de oprimir algo ou alguém.

Ordem: Organização do *movimento*.

P

Pagar simpatia: Fingimento.

Paia: Chato.

Palhaçada: Aquilo que não pode ser levado a sério.

Panca: Viagem (Imaginária).

Panela: Grupo/a de pessoas que combinam votos.

Panguar: Ato de perder oportunidades.

Panguando: Perdendo oportunidades.

Panguão: *Raciocínio Lento*.

Parada: (1) Efeito de parar; (2) Bagulho; (3) Coisa.

Parça: (1) *Mana*; (2) *Mona*; (3) *Mano*; (4) Cara.

Passar a visão: Transmitir o *ensinamento*.

Pegar a visão: Entender a *Ideologia do Movimento*.

Pente: (1) Utensílio formado por numerosos dentes; (2) sexo; (3) surpreender.

Perpétuo: Filosofia que atravessa o tempo.

Perreco: Invejoso.

Pista: (1) Rasto; (2) Sinal; (3) Trilha; (4) Lugar; (5) Área.

Plateia: Público.

Poesia: (1) Ato de se expressar através das rimas; (2) Rimas musicais.

Presepada: (1) Algo feito de qualquer forma; (2) Desorganizado; (3) *Palhaçada*; (4) Golpe; (5) Enganação; (6) *Furada*.

Proceder: Conduta.

Progresso: Avanço.

Propósito: (1) Objetivo; (2) Meta; (3) Filosofia.

Público: (1) Grupo/a de pessoas reunidas/es/os; (2) Plateia; (3) *Internautas*.

Q

Quebrada: (1) Periferia; (2) Favela; (3) Bairro; (4) Baixada; (5) Aglomerado; (6) Ocupação.

R

Raciocínio: (1) Lógica; (2) Meio pelo qual se constrói uma rima ou argumento.

Raciocínio Avançado: (1) Rima Rara; (2) Pensar e agir de forma rápida e pontual.

Raciocínio Lento: Rima que não evolui.

Racismo: (1) Preconceito; (2) Discriminação; (3) Grupos/as marginalizados/as/es; (4) Violência; (5) Crime.

Ramelar: Verificar a palavra: *Vacilar*.

Rap: (1) Ritmo e poesia.

Reconhecimento: Ato de reconhecer as atividades desenvolvidas e as pessoas envolvidas.

Representatividade:

Respeito Mútuo: (1) Reciprocidade de afeto.

Resposta: Responsabilidade.

Resposta: Rima construída para responder ao ataque da/e/o adversária/e/o.

Revolução: Mudança radical.

Rima: (1) Produção intelectual falada; (2) *Poesia*.

Rima Boa: Poesia bem feita.

Rima de suporte: Palavras que se repetem e facilitam as rimas, a exemplo disso, “pode pá”, “pode crê”, “meu parceiro”, “para pra pensar”.

Rima decorada: Verificar a palavra *Decorada*.

Rima ganha de rima: A melhor rima vence.

Rima Rara: (1) Rima *Cabulosa*; (2) Rima Referência; (3) Rima Diferenciada.

Rima verdadeira: Posicionamento honesto.

Ritmo: (1) Particularidade; (2) Métrica Musical.

Rolê: (1) Dar um Jet; (2) Dar um giro; (3) Peão; (4) Social; (5) Evento.

Round: Combate entre dois pontos de vista.

S

Salvador da rima: Mestre de Cerimônia.

Salve: (1) Forma de chamar alguém; (2) Cumprimento; (3) Recado; (4) Saudação.

Salve geral: Comunicado amplamente divulgado.

Salve, salve: Comunicado inicial.

Sangue: (1) Batalha; (2) Duelo.

Satisfação: Contentamento.

Se liga: (1) Fique atento; (2) Acorda; (3) Se toca.

Se aposenta: Rima velha.

Sei lá: Não se sabe.

Sem futuro: Perda de tempo.

Sintonia: Conexão.

Sistema: (1) Sistema Político; (2) Organização do/a grupo/a.

Só agradece família: Ato de Gratidão para com as/os irmãs/irmãos.

Somar: Acrescentar.

T

“Tá me tirando?” (1) Ato de Zombaria; (2) Insulto; (3) Exposição

Tabela: Organização sistemática das funções cotidianas.

Talarica(ie/o): Aquela/e/o que se envolve afetivamente ou sexualmente com pessoas comprometidas/es.

Testar a febre: (1) Testar a ira; (2) Ato de desafiar algo ou alguém.

Trajectoria: Refere-se a *Caminhada*.

Trampo: Atividade de trabalho.

Treta: (1) Briga; (2) Confusão; (3) Problema.

U

Um Salve: (1) Saudação; (2) Cumprimento; (3) Um corre.

Uma boa pá nós: Sucesso.

V

Vacilão: (1) *Vacilar*; (2) Aquela/e/o que comete erros.

Valeu: Obrigada/e/o.

Valeu por fortalecer: Ato de agradecer pela ajuda.

Vem geral: Reunir a todas/es/os.

Visão: (1) Mensagem; (2) *Ideologia*.

Vitimista: Ato de se inferiorizar para obter vantagens.

Voto: (1) escolha por um/a das/os adversarias/es/os.

Vulgo: Apelido.

X

Zé povin: (1) Traidor/a/e; (2) *Atrasa Lado*.

Zoeira: (1) Ato de zoar alguém; (2) Brincadeira; (3) Conflito.